



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E TRABALHO DA MULHER EM TEMPOS DE GUERRA: A VULNERABILIDADE DAS MULHERES DA UCRÂNIA

Claudinei da Silva Campos¹
Marcelo Freire Gonçalves²

RESUMO

A vulnerabilidade das mulheres em conflitos armados é um tema crucial que merece atenção. Na Guerra na Ucrânia, essa vulnerabilidade se tornou ainda mais evidente. Mais de 10 milhões de pessoas foram forçadas a deixar suas casas desde o início do conflito em busca de refúgio e a maior parte delas teve como destino a Europa (mais de 7,2 milhões de pessoas). Surpreendentemente, mulheres e meninas representam 90% dos deslocados. Isso equivale a quase 25% da população ucraniana. Essas mulheres enfrentam riscos específicos relacionados ao gênero, como tráfico humano, violência sexual e acesso limitado a serviços e bens essenciais. Organizações não governamentais (ONGs) e especialistas estão trabalhando para fornecer apoio, incluindo assistência legal, saúde mental e ajuda para as Ucrânicas refugiadas. Além disso, a ONU Mulheres está coletando dados sobre as dinâmicas de gênero durante a guerra e seus impactos nos civis, incluindo casos de abuso e violência sexual. As mulheres que permaneceram em território Ucraniano trabalham bravamente na defesa do território e na assistência aos necessitados. É imperativo que a comunidade internacional se mobilize para proteger essas mulheres vulneráveis e garantir sua segurança e bem-estar.

1 CAMPOS, C. S. Doutorando em Regulação e Empresa Transnacional da Universidade Nove de Julho/SP (UNINOVE) e Juiz do Trabalho Substituto. Currículo Lattes. Brasília, atualizado em 25 fev. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5136051413074576>. Acesso em: 02 mai. 2024

2 GONÇALVES, M.F. Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012) e Desembargador Federal do Trabalho. Currículo Lattes. Brasília, atualizado em 27 abr. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7082051387248069>. Acesso em 02 mai. 2024.

Palavras-chave: Trabalho da mulher. Violência contra mulher. Guerra. Ucrânia.

Introdução

A Violência contra a mulher se se intensifica em tempos de guerra, devido ao colapso da ordem social e moral. Exemplos históricos incluem estupros durante as duas guerras mundiais e a escravidão sexual imposta pelo Império do Japão.

A Resolução 1325 do Conselho de Segurança da ONU reconhece o impacto desproporcional dos conflitos armados sobre as mulheres e enfatiza sua participação na resolução de conflitos e construção da paz. No entanto, critica-se que essa resolução reafirma estereótipos de gênero, associando mulheres à paz e homens à guerra.

Essa vulnerabilidade da mulher se mostra mais evidente nos dias atuais, diante da Guerra na Ucrânia, que levou milhões de Ucrânicas a buscarem refúgio em outros países, especialmente Europa, passando a enfrentar privações, preconceitos e xenofobia, além de condições precárias em campos de refugiados. Apesar disso, as mulheres Ucrânicas bravamente resistem a todo esse quadro adverso na busca por trabalho e dignidade.

Violência contra mulher e trabalho em tempos de guerra

É no contexto de guerra que a violência contra a mulher se recrudescer, notadamente em razão do afrouxamento dos limites do Estado ao combate à violência contra a mulher, a qual decorre do colapso na ordem social e moral que acompanha a guerra.

Apesar da violência contra a mulher durante a guerra datar de milhares de anos, esta passou a chamar mais atenção da humanidade quando passaram a se tornarem conhecidos de forma global com o advento da primeira guerra mundial como, por exemplo, estupros de mulheres francesas e belgas (TESCARI, 2005, p.40).

A cultura do estupro se seguiu no âmbito da segunda guerra mundial, como prática institucionalizada de guerra, praticada tanto pelos países aliados quanto países do Eixo. Estima-se que por ocasião da tomada de Berlim pelos Soviéticos em 1945, de 20 mil a 100 mil mulheres teriam sido violentadas (TESCARI, 2005, p. 29).

Esse quadro de barbárie também pôde ser constatado a partir da autorização do Império do Japão a obrigarem mulheres à prostituição forçada em bordéis “oficiais” do exército imperial japonês, de 1937 ao final da Segunda Guerra Mundial em 1945. Este movimento permitiu que mais de 200.000 mulheres fossem escravas sexuais naquele país (AMNESTY INTERNATIONAL, 2015).

Durante a invasão do Kuwait pelo Iraque, em 1990, calcula-se que mais de cinco mil kuwaitianas foram violentadas (KÄLIN, 1992). Na Nigéria, outras mulheres conheceram o mesmo massacre, em nome da Jihad (GUENIVET, 2001, p. 12). Na luta pela independência de Moçambique, em meados dos anos 70, mutilações, violências sexuais cometidas pelos guerrilheiros, rapto, escravização e geração de filhos, pelas mulheres violentadas, de seus algozes.

Esse quadro de violência contra a mulher fez o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CS-ONU), em 2000, editar a Resolução 1325 do reconheceu o impacto desproporcional do conflito armado sobre as mulheres. Essa resolução ressaltou a participação das mulheres na resolução de conflitos e na construção da paz, destacando sua importância para a segurança internacional (CS-ONU, 2000, p. 2).

Sucedem que ao distinguir a fragilidade da mulher perante o homem em um contexto de guerra, a Resolução 1325 reafirmou estereótipos de gênero, ao apontar as mulheres como construtoras da paz, trazendo implícita a ideia dos homens como senhores da guerra:

Em um contexto de uma sociedade dominada pelos homens, a associação de homens com a guerra e mulheres com a paz também reforça hierarquias de gênero e falsas dicotomias que contribuem para a desvalorização de mulheres e da paz. A associação de mulheres à paz e ao idealismo em RI, como já afirmei, é um conceito profundamente desigual de gênero (TICKNER, 2001, p. 59 [tradução nossa]).

Essa construção linguística construída pela Resolução 1325 reforça o estereótipo de que a mulher é um ser vulnerável e frágil que necessita ser protegida pelo homem. Noutro aspecto, reforça o entendimento de que as decisões sobre a guerra e sobre os rumos militares devem ser tomadas pelo homem, visto que o papel da mulher em contexto de guerra é zelar pela paz.

Outro aspecto relativo à violência contra a mulher em contexto de guerra é a necessidade de se refugiar em outro país. Ao fugir do país, sem o cônjuge que luta na guerra, as mulheres tem que se submeter a toda sorte de privações, preconceitos e xenofobia que enfrenta um estrangeiro que detém a condição de refugiado. Em alguns campos de refugiados, as más condições sanitárias e segurança provocam situações de risco a vida e a saúde dos refugiados, em razão das condições precárias de higiene e moradia que pode, a depender do país, tornar essa indesejável situação praticamente permanente, uma vez que aparato legal da nação, por vezes, impõe procedimentos burocráticos e restritivos para a permanência de refugiados e seus territórios. Más condições em campos refugiados no Norte da Grécia foram denunciadas em 2016 por agentes de ONG's, que existiam estupros dentro dos campos de forma corriqueira, exposição dos refugiados ao frio durante o inverno a temperaturas da ordem de -17°C e conseqüentes mortes decorrentes da exposição ao frio, além de envenenamentos por monóxido de carbono de sistemas de aquecimento improvisados (HUMAN RIGHTS WATCH, 2016).

“Em alguns campos de refugiados, as más condições sanitárias e segurança provocam situações de risco a vida e a saúde dos refugiados, em razão das condições precárias de higiene e moradia que pode, a depender do país, tornar essa indesejável situação praticamente permanente, uma vez que aparato legal da nação, por vezes, impõe procedimentos burocráticos e restritivos para a permanência de refugiados e seus territórios”.

Além das conseqüências sobre a saúde dos refugiados, o tráfico de drogas e de pessoas para prostituição e trabalho escravo atua nos campos de refugiados sem qualquer limitação, expondo os refugiados a diversos agentes de risco, que impõem à refugiada mulher dificuldades de toda ordem

A segunda guerra mundial veio alterar de forma definitiva a visão do trabalho feminino. Em grande parte da humanidade prevalecia até então o pensamento dominante de que o homem era o mantenedor da família. Estudos, carreira, posições de poder eram privilégio dos homens. Cabia às mulheres cuidar do lar e da família. Em alguns países, a mulher era proibida de estudar, trabalhar e até votar.

Com o advento da Guerra, mulheres foram chamadas ao trabalho no front pelos Aliados

em diversas posições, algumas tipicamente masculinas, como engenharia, motoristas de veículos militares, atiradores de elite, enfermeiras, fabricação industrial de material bélico, dentre outras, fato que se intensificou ao longo dos anos e não só abriu portas para a mulher no mercado de trabalho, mas também abriu caminho para que a mulher assumisse outros ofícios que até então eram tipicamente masculinos

Outro desafio contra a desigualdade de gênero nas guerras são as mulheres pertencentes ao Grupo LGBTQIA+. No contexto das guerras, embora não fosse muito divulgado, a comunidade LGBT foi vítima do Holocausto Nazista no âmbito da segunda guerra mundial. Assim como os judeus, seus integrantes passaram por tortura, flagelação e abusos. Antes mesmo da guerra, existia na Alemanha a Lei chamada “Parágrafo 175”, que punia com dez anos de prisão homens que violentassem sexualmente outro homem, coagisse outro homem ao sexo, praticasse sexo com qualquer homem menor de vinte e um anos ou fizesse sexo com outro homem. Com ascensão de Adolf Hitler ao poder, em 1933, o regime do novo chanceler da Alemanha deu início a uma perseguição implacável contra grupos que não se enquadravam na raça puraariana, dentre eles os homossexuais, aplicando o Parágrafo 175 com bastante rigor. Bastava uma troca de olhares masculinos para configuração do crime. Nem mesmo os próprios homens do Terceiro Reich, a exemplo do General Ernst Rohm, declaradamente gay, foi poupado pelo regime Nazista, assassinado a mando de Hitler.

Em 1938 foi acrescentado ao Parágrafo 175 a possibilidade de transferência para os campos de concentração de homens acusados de praticarem “indecências” contra outros homens. Nos campos de concentração os homossexuais eram espancados, chutados, pisoteados e recebiam, juntos com os judeus, as piores surras (PLANT, RICHARD, 1986, p. 257). As mulheres lésbicas também foram alvo de perseguição, porém estas eram marginalizadas mais pela condição de gênero, ou seja, pelo fato de ser mulher, do que por serem lésbicas (HEGER, HAIZ, 1994, p.12). Para o regime nazista, os homens gays eram mais perigosos para o regime do que as mulheres, porque se reproduziam e poderiam contaminar a pureza da raçaariana. Transexuais também eram alvo de perseguição enquadrados ou como homens gays ou como mulheres.

Ao longo da história, a comunidade LGBTQIA+ foi invisibilizada pelas estatísticas de violência nas guerras. Hoje, todavia, já há uma preocupação da comunidade internacional de proteger esse grupo em contexto de guerras, como manifesta relatório recente da ONU sobre a violência contra esses grupos no ano de 2023:

As Nações Unidas alertam para um “aumento dramático” de 50% de casos de violência sexual em conflitos em 2023 em relação ao ano anterior. Os dados foram apresentados na última terça-feira no Conselho de Segurança pela representante especial do Secretário-Geral para a Violência Sexual em Conflitos. Pramila Patten destacou que as armas continuam fluindo para as mãos dos autores desses delitos e que a maioria das vítimas segue sem acesso a medidas reparação. Cerca de 95% dos casos envolveram mulheres e meninas. Em 32% das situações as vítimas foram crianças. Também foram identificados 21 casos tiveram como alvo lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer e intersexuais. (GARCIA, 2024).

Os desafios para as mulheres não encerram com o término do conflito armado. A violência de gênero pode continuar após o término do conflito. A falta de dinheiro, a perda do marido com a guerra, pode fazer com que mulheres precisem recorrer à prostituição para obter o básico e ainda sofra xenofobia e discriminação, seja por sua condição social, seja por desconhecer língua e costumes no local para o qual irá se refugiar.

A guerra da Ucrânia e o trabalho da mulher

Desde 24 de fevereiro 2022, quando se iniciou o conflito entre Rússia e Ucrânia, o conflito provocou, segundo dados da ACNUR, o deslocamento de mais de 7,2 milhões a maioria mulheres e crianças, uma vez que homens entre 18 e 60 anos foram proibidos de deixar o país, conforme se

verifica da transcrição dos dados da página oficial da ACNUR (2024):



Figura 1: Relatório da ACNUR sobre refugiados ucranianos na Europa

Para entender o drama dessas pessoas, a maioria mulheres, a UCNUR fez uma entrevista com cerca de 3.900 refugiados egressos da Ucrânia na Europa em dezembro de 2022 e janeiro de 2023 chegou as seguintes conclusões:

a) a grande maioria das pessoas refugiadas e deslocadas internas da Ucrânia – cerca de 77% e 79%, respectivamente – quer voltar para casa um dia;

b) a maioria dos refugiados se preocupa com serviços básicos, tais como eletricidade, água e saúde, bem como oportunidades de trabalho e moradia no país de origem e os nominam como impeditivos ao retorno;

c) os refugiados que pretendem retornar nos próximos três meses eram principalmente são pessoas mais velhas, que se separaram de familiares que permaneceram na Ucrânia e aqueles que enfrentavam desafios de inclusão nos países de acolhida.

d) aproximadamente 18% dos refugiados entrevistados ainda estão indecisos quanto ao retorno à Ucrânia;

e) 45% permanecem desempregados, a assistência financeira alcança 50% deles e àqueles que estão empregados, o estão em empregos pouco qualificados, cuja renda, para a maioria deles, não é suficiente para cobrir as necessidades básicas.

Entre as dificuldades encontradas para os refugiados no mercado de trabalho estão aprender uma nova língua, obter emprego, conseguir o reconhecimento do diploma (para os graduados) e manter os filhos na escola em outro país e outra língua. Reportagem da Euronews mostra que 2/3 dos Ucranianos lograram êxito em conseguir emprego na Polônia, mas retrata que, apesar disso, há muitos desafios a serem enfrentados:

O acesso a infantários é um passo crucial para a integração das mulheres refugiadas ucranianas nos países de acolhimento. Aprender uma nova língua, procurar um emprego ou obter o reconhecimento de um diploma exige tempo e dinheiro.
(...)

Visitamos uma das 37 creches geridas pela Fundação Comenius. Desde a primavera de 2022, a instituição ajuda as famílias ucranianas que encontraram refúgio na Polónia.

A fundação implementou um sistema de creches que responde às necessidades específicas das famílias e crianças ucranianas entre 0 aos 5 anos.

Quando chegamos aqui, o meu filho mal falava por causa do stress. Vejo mudanças no meu filho mais novo, porque começou a falar pela primeira vez, aqui, começou a comunicar com outras crianças. Ele corre para vir para aqui todos os dias. Ele fez amigos aqui. Podemos dizer que ele é feliz”, contou Maria Odinets, uma refugiada ucraniana cuja casa foi destruída na Ucrânia.

Psicóloga infantil, Maria Odinets espera conseguir financiamento para obter o reconhecimento do seu diploma. Um processo dispendioso e que requer tempo.

“É uma grande ajuda porque tenho tempo livre das 9h às 15 h. Durante esse tempo, posso estudar polaco ou procurar um emprego, e também ajudar os meus filhos mais velhos e ir buscá-los à escola”, afirmou Maria Odinets.

(...)

As creches da fundação deverão continuar a ser financiadas principalmente pela UNICEF, pelo governo polaco e por fundos europeus. Os educadores que trabalham no projeto são também refugiados ucranianos e receberam formação.

É o caso de Yuliana Rudenko que vive há dois anos na Polónia com os dois filhos, num quarto de hotel nos subúrbios de Varsóvia. Antes da guerra, trabalhava como decoradora. Teve de começar tudo do zero.

“Foi muito difícil, muito difícil. Tudo o que me ofereciam eram turnos muito cedo, às 5 da manhã, ou tinha de trabalhar até às 22 horas. Não podia ir buscar os miúdos, por isso não podia trabalhar” contou Yuliana Rudenko.

Hoje, graças ao seu trabalho como educadora, Yuliana Rudenko sente-se útil e sente-se melhor (GAURET, 2024).

Conforme se vê do excerto transcrito, mesmo com nível superior, barreiras linguísticas e financeiras levam as trabalhadoras ucranianas a começar do zero sua vida no país de acolhida.

A mulher Ucraniana que permaneceu no território Ucraniano no contexto da guerra é encarada pela mídia ocidental como tendo sua conduta valorizada em razão de sua bravura e determinação ante o Exército russo, um dos exércitos mais poderosos do planeta.

A luta contra o estupro como arma de guerra e os crimes de guerra cometidos está sendo denunciada por um Grupo de mais de 120 mulheres Ucranianas chamado Dattalion que exhibe fotos e vídeos gravados denunciando crimes de guerra à comunidade internacional e aos órgãos do governo ucraniano em banco de dados de amplo acesso. No site Oficial Dattalion consta os seguintes objetivos:

1 Capacitar a mídia de todo o mundo para contar ao seu público a verdade sobre a guerra da Rússia na Ucrânia, fornecendo vídeos, fotos e depoimentos de testemunhas oculares de acesso fácil e gratuito nas linhas de frente.

2 Recolher e armazenar provas de crimes de guerra, crimes ambientais, crimes contra a humanidade e atos de genocídio contra ucranianos cometidos pela Rússia na Ucrânia.

3 Ao enviar um aviso explícito e ao partilhar provas factuais inequívocas sobre a ameaça que a Rússia representa para o sistema democrático internacional, deixamos clara ao mundo a necessidade vital de apoiar a Ucrânia para vencer esta guerra. (DATTALION, 2024, tradução nossa).

O Site ShareAmerica destaca uma intensa atuação das mulheres Ucranianas no teatro de operações de guerra da Ucrânia, seja em trabalhos de natureza assistencial, humanitário e de cuidados, seja atuando diretamente no front, seja no auxílio às Operações de Guerra, seja na linha de frente:

As mulheres da Ucrânia desempenham um papel vital na proteção de seu país e na formação de seu futuro. Mais de 60 mil mulheres ucranianas servem nas Forças Armadas ucranianas se defendendo contra a agressão da Rússia. Dezenas de milhares fazem sua parte para ajudar seu país como jornalistas, paramédicas, professoras, políticas e artistas. “Ao longo da história, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental na luta da Ucrânia por liberdade e soberania”, disse Katrina Fotovat, embaixadora interina do Escritório do secretário de Estado para Questões Globais da Mulher, no Departamento de Estado. Isso continua sendo verdade hoje.

“As mulheres são (...) heroínas desta guerra”, disse Oksana Markarova, embaixadora da Ucrânia nos Estados Unidos, durante uma sessão de painel virtual do Departamento de Estado sobre o papel que as mulheres ucranianas desempenham na luta no combate à agressão da Rússia contra a Ucrânia e seu futuro coletivo.

Como muitas organizações internacionais fugiram da Ucrânia no início da invasão em grande escala da Rússia, muitas mulheres líderes permaneceram, afirmou Oksana.

“Elas arriscaram suas vidas para entregar comida a fim de ajudar outras mulheres. Elas arriscaram suas vidas para ajudar nossas corajosas Forças Armadas. Elas arriscaram suas vidas visando tentar garantir algum tipo de normalidade nesta guerra horrível”, disse ela. (SHAREAMERICA, 2023).

Em que pese o contexto de guerra não diferir muito da realidade contextual fora da guerra, no que toca à reprodução de estereótipos, preconceitos de gênero e violência contra as mulheres, o conflito Russo-Ucraniano revela que as barreiras contra a desigualdade de gênero estão se reduzindo no cenário de guerra, mostrando que “herói de guerra” não é mais uma alcunha restrita aos homens.

Conclusão

A violência contra a mulher durante conflitos armados é uma realidade alarmante e revela profundas desigualdades de gênero que persistem mesmo em tempos de paz. Essa problemática não apenas afeta as mulheres diretamente, mas também reflete a falta de proteção e valorização de seus direitos humanos fundamentais. Durante conflitos armados, as mulheres são desproporcionalmente afetadas, tornando-se alvos de violência sexual, abusos e intimidação deliberada por parte das forças combatentes. A violência contra a mulher se tornou “arma de guerra”, o que pode tornar as mulheres alvos de atroz violência física e mental.

A valorização da mulher passa não apenas pela conscientização de que o cenário de guerra não autoriza a violência contra a mulher. A valorização de cada mulher, individualmente, requer não apenas a conscientização sobre essas questões, mas também a rigorosa observância de normas internacionais que permita que as mulheres civis não sejam alvo da violência militar e permitam trabalhar e exercerem seus ofícios profissionais sem discriminação tanto no cenário de guerra quanto na condição de refugiadas.

Em resumo, a luta contra a violência direcionada às mulheres em conflitos armados é uma batalha contínua pela igualdade de gênero e pelo respeito aos direitos humanos. Cada mulher merece proteção, justiça e dignidade, independentemente das circunstâncias em que se encontre. Não há lugar, no cenário constitucional brasileiro, para qualquer tipo ou espécie de servidão ou escravidão, abolida formalmente no Brasil pela Lei Áurea 1888 (Lei nº 3.353/1888).

Referências

ACNUR. **Ukraine Refugee situation**. ACNUR, 2024. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/06/62a1baa34.webp>. Acesso em: 01 maio 2024.

AMNESTY INTERNATIONAL. **70 years on, the “comfort women” speaking out so the truth won’t die**. Amnesty International, [s.l.], 2 set. 2015. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2015/09/70-years-on-comfort-women-speak-out-so-the-truth-wont-die/>. Acesso em: 01 maio 2024.

CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS. **Resolução 1325(2000)**. Nova York, ONU, 2000. Disponível em <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/06/Resolucao-1325-CS-ONU.pdf>. Acesso em: 01 maio 2024.

DATTALION. **Ukraine’s data battalion**. Disponível em: <https://dattalion.com/>. Acesso em: 02 maio 2024.

GAURET, Fanny. Mulheres ucranianas na Polónia: o desafio de encontrar creches e trabalho. **EURONEWS**. 06 mar. 2024. Disponível em: <https://pt.euronews.com/business/2024/03/06/mulheres-ucranianas-na-polonia-o-desafio-de-encontrar-creches-e-trabalho>. Acesso em: 01 maio 2024.

GUENIVET, Karima. **Violences sexuelles**: la nouvelle arme de guerre. Paris, Éditions Michalon, 2001.

HEGER, Heinz. **The man with the pink triangle: the true, life-and-death story of homosexuals in the nazi death camps**. 2. ed. Los Angeles: Alyson Publications Inc., P.O. Box 4371, Los Angeles, California, 1994.

HUMAN RIGHTS WATCH. Greece: refugee “hotspots” unsafe, unsanitary. **Human Rights Watch**, New York, 19 maio 2016. Disponível em <https://www.hrw.org/news/2016/05/19/greece-refugee-hotspots-unsafe-unsanitary>. Acesso em: 01 maio 2024.

GARCIA, Maria Fernanda. ONU: mais de 3,6 mil casos de violência sexual ocorreram durante guerras em 2023. **Observatório do terceiro setor**, São Paulo, 30 abr. 2024. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/onu-mais-de-36-mil-casos-de-violencia-sexual-ocorreram-durante-guerras-em-2023/>. Acesso em: 01 maio 2024.

PLANT, Richard. **The Pink Triangles: The Nazi War Against Homosexuals**. New York: Henry Holt and Company, Inc., 1986.

SHAREAMERICA. **Mulheres ucranianas lutam pelo futuro de seu país**. 06 mar. 2023. Disponível em: <https://archive-share.america.gov/pt-br/mulheres-ucranianas-lutam-pelo-futuro-de-seu-pais>. Acesso em 27 mai 2024.

TESCARI, Adriana S. **Violência sexual contra a mulher em situação de conflito armado**. Porto Alegre: Sérgio A. Fabris Editor, 2005.

TICKNER, J. Ann. **Gender in International Relations: feminist perspectives on achieving global security**. New York: Columbia University Press, 1992.

KÄLIN, Walter. **Report of the Special Rapporteur on the Situation of Human Rights in Kuwait under Iraqi Occupation**. United Nations, Geneva, 16 jan. 1992. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/225886?v=pdf>. Acesso em: 07 maio 2024.

Foto de capa:Ahmed akacha no pexels